

O ano em que a democracia brasileira se democratizou

O País já conta 75 milhões de internautas. As eleições mostraram que eles querem falar e, mais ainda, fazer-se ouvir

ANDRÉ FORASTIERI

Em 2006, o número de brasileiros que liam jornais e revistas de informação estava na faixa dos 15 milhões. Eram os famosos “formadores de opinião”. Na teoria, gente com alguma informação e capacidade de discutir propostas e defender posições. Mais ou menos o mesmo número de usuários de internet em 2006, 14,4 milhões.

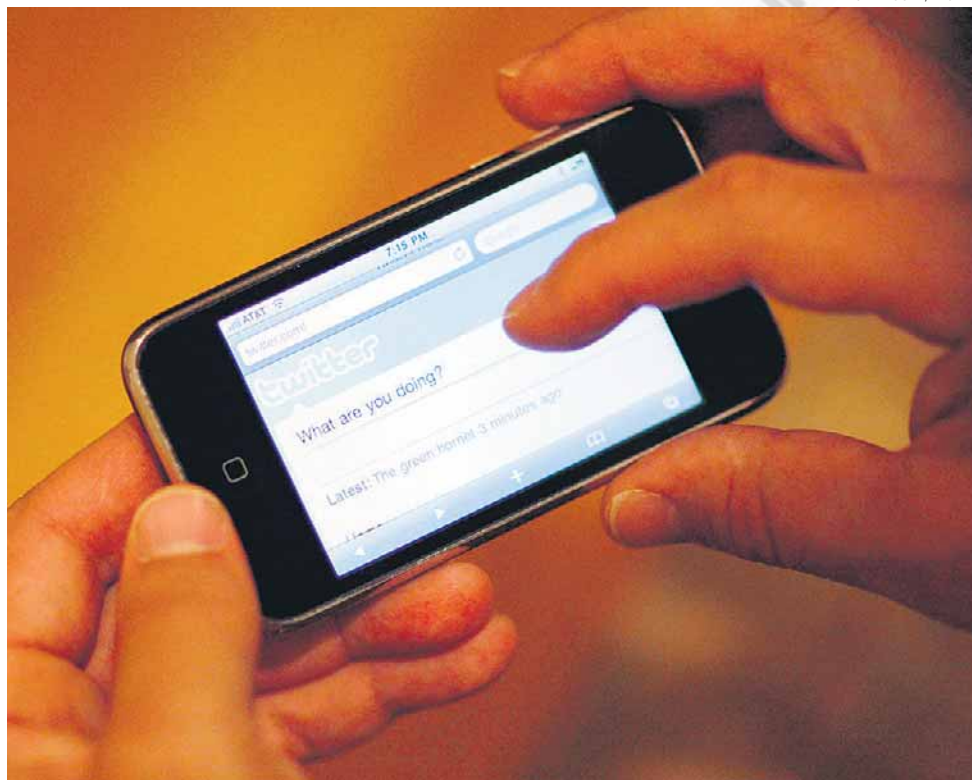
Hoje somos 75 milhões de internautas, segundo o mais recente relatório comScore (*empresa especializada em medições de audiência no mundo digital*). Todo mundo que está na internet está lendo as notícias, se informando, debatendo – e fazendo várias outras coisas também. Entre 2006 e 2010, o número de eleitores subiu 7,8%, de 125 milhões para 135,8 milhões de brasileiros. O número de formadores de opinião quintuplicou em quatro anos.

E a própria internet mudou neste período. Não tínhamos Twitter e Facebook, agora temos. YouTube existia, mas a banda larga era bem mais rara e cara, então assistíamos (e produzíamos) muito menos vídeos. O Orkut tinha 12 milhões de usuários em 2006; hoje são 40 milhões de brasileiros na maior rede social do País.

Passamos cada vez menos tempo sozinhos em frente ao computador.

Principalmente, conversamos. Só o Twitter tem mais de 8 milhões de participantes. É bem mais que a circulação de todas as revistas nacionais de informação, somadas.

Eleição sempre foi mais animada na mesa do bar, no balcão da padoca, no almoço do domingo. A de 2010 foi uma grande conversa de boteco entre 75 milhões de brasilei-



Cyber classe média. Mais jovens, mais religiosos, menos brancos – e ascendendo

ros. Pela primeira vez, o debate incluiu mais da metade dos 135 milhões de eleitores. Quem é o novo formador de opinião, comparando com o velho? É uma turma mais jovem, mais religiosa, menos branca, menos abonada mas ascendendo. É a famosa nova classe C, que cresce financeiramente, socialmente, intelectualmente.

Os novos formadores de opinião são a força social mais poderosa do Brasil de 2010. E ela se fez ouvir, via internet. Por isso, 2010 ficará marcado como o ano em que tivemos a eleição mais democrática que este País já viu.

A impressão de bagunça maior foi porque houve muito mais gente discutindo, propondo, esculhambando, às vezes se es-

tapeando, tudo virtualmente. Em vez de uns poucos canais de TV, jornais e revistas, na mão de poucos, repercutindo entre poucos, tivemos 75 milhões de brasileiros no comando do debate.

Resultados? Um vídeo queimando o filme de Dilma Rousseff foi o campeão de visualizações no YouTube – foi visto mais de 800.304 mil vezes. “Entenda como e porque Serra afundaria o Brasil” foi visto 229.156 vezes. No Twitter, algumas notícias da campanha chegaram à lista de Trending Topics – repercutiram mundialmente.

Qualquer site virou central de informação. Os noticiosos, os partidários, os engraçados. No mundo novo, qualquer um tem um palanque.

Serra levou uma bolinha de papel na cabeça e foi ao hospital fazer exames. Quatro anos atrás isso seria reportado de maneira “imparcial” pela imprensa. Pois logo caiu na internet o vídeo mostrando a bolinha de papel quicando na careca do candidato. Gerou ridículo. Dois dias depois um esperto tinha feito um novo game, *Jogue a Bolinha de Papel na cabeça do Serra*, e milhares jogavam. Serra caiu vários pontos.

A internet foi usada principalmente para o ataque? Ótimo. Democracia não é bater palmas para programas de governo medíocres e campanhas dirigidas por pesquisas de opinião. Democracia é debate informado, e se em altos brados, na rua, melhor. Se nenhuma ideia “positiva” repercutiu pela internet é porque essas ideias foram todas genéricas, insípidas. Marina Silva, a suposta grande novidade, disse o que de eletrizante? Nada.

O candidato a presidente que melhor soube usar a internet foi justamente o mais velho, Plínio de Arruda Sampaio, e seduziu muitos universitários.

Você pode discordar dele, mas ele tinha algo a dizer e disse. No legislativo, ninguém comunicou sua mensagem tão bem quanto Tiririca – e ele tinha uma mensagem real, de rejeição à empulhação. Foi o deputado federal mais votado do País. Se você ama a democracia, defenda o mandato de Tiririca.

A eleição foi um circo? Foi e daqui para frente sempre será. O destino do Brasil não será mais decidido em salas fechadas, em conchavos, ou nos bairros ricos. Agora o espetáculo é público, e quem quiser se meter em política terá que enfrentar palhaços e leões, em uma lona que comporta quase o País inteiro.

O ano de 2010 será lembrado como o momento em que a democracia finalmente chegou à maioria dos brasileiros – por tudo que vai acima, e pela Lei da Ficha Limpa, que só foi aprovada por pressão da sociedade.

Em 2014, estarão na internet não pouco mais que a metade, mas a quase totalidade dos eleitores brasileiros. Nossos “formadores de opinião” terão se multiplicado por dez, em dez anos. A política determinada exclusivamente pela elite se foi e não voltará. Não temos só novos consumidores, mas novos cidadãos, e eles querem mais. Vão conseguir.

* **ANDRÉ FORASTIERI** É JORNALISTA, BLOGUEIRO E DIRETOR DE CONTEÚDO DA TAMBOR DIGITAL. DIRIGIU A CONRAD EDITORA DE 1993 A 2005.